

Internet como Veículo de Subversão e Agitação

Eng.
João Manuel Cebolas Amado



1. Introdução

Este trabalho tem como objectivo a apresentação de alguns casos que demonstram o uso da Internet como *arma* de fácil utilização pelas partes com menos poderes que lutam em Guerras Assimétricas ou em Guerras de Subversão, que se encontram no que normalmente se denomina Netwar ou *Aktivismo* [Arquila, 2001]

No trabalho identificamos algumas situações distintas em que a Internet foi utilizada como veículo privilegiado para fazer chegar à opinião pública uma visão diferente da que era apresentada pelos órgãos de comunicação social, dominados, controlados ou influenciados pela parte mais poderosa (pelo menos na opinião da mais fraca) e no limite casos em que a Internet é usada como veículo para ataques ligeiros, mais com o intuito de perturbar do que afectar alguma infra-estrutura.

As situações identificadas foram:

- Exército Zapatista de Libertação Nacional - México
- IMC - *Independent Media Center* e outras organizações de *Hacktivists*
- Guerra do Iraque

A justificação para a escolha destes três casos assenta na sua diversidade, originalidade e actualidade, e todos eles apresentam a Internet como meio privilegiado para a disseminação de informação.

O primeiro ilustra, muito provavelmente, o primeiro exemplo da utilização consistente da Internet por parte de um grupo revolucionário com o duplo sentido de informar a opinião pública mas também como veículo de coordenação e de mobilização.

O segundo ilustra a utilização do *media* Internet por parte de uma elite intelectualmente e tecnicamente avançada e com a sua própria agenda social.

O terceiro, e último caso, foi escolhido pela actualidade, apesar de estarmos conscientes dos riscos de efectuar este tipo de trabalho utilizando uma situação que está

presentemente a decorrer e que está longe de estar encerrada, não permitindo distanciamento para uma análise menos apaixonada, no entanto pela sua actualidade levanta novas questões que nos pareceu importante abordar.

A visão de qualquer dos três casos é sempre a do lado mais fraco do conflito uma vez que é o que nos parece ser também o mais desconhecido, o mais inovador e desse modo o mais interessante de investigar.

Os meios utilizados para a investigação, como aliás não nos parecia possível que de outro modo pudesse ser, foi exclusivamente a Internet.

2. Ejército Zapatista de Libertación Nacional

Em Janeiro de 1994 o mundo inteiro foi avisado através da Internet que o Ejército Zapatista de Libertación Nacional (EZLN) dominava várias cidades no distante estado de Chiapas algures no sul do México. O que em condições normais não passaria de um simples levantamento regional e que dificilmente teria direito a chegar ao conhecimento da comunidade internacional, ultrapassando as fronteiras do desconhecido estado de Chiapas. A utilização da Internet permitiu a transposição das fronteiras geopolíticas, uma vez que para além de ultrapassar a distância física provocada pela geografia ultrapassou também os bloqueios informativos dos órgãos de comunicação oficiais.

O EZLN não dispunha de acesso a um canal de televisão via satélite ou a uma rádio de grande capacidade, nem de jornais de grande difusão mas conseguia de algum modo enfrentar os meios controlados pelo governo mexicano ou seus aliados na região e fazer passar para a opinião pública a sua mensagem.

Como observa [Cavalcanti, 2001] esta mudança só é possível porque a presença da Internet desfez a certeza inabalável até ao fim da década de 80 de que os meios de comunicação serviam mais como um mecanismo de dominação ao serviço do poder, fosse ele democrático ou totalitário, capitalista ou comunista.

Para demonstrar a consciência que o movimento tinha do poder da Internet, podemos socorrer de dois trechos de cartas, disponíveis no *site* oficial do movimento¹, e assinadas pelo carismático porta-voz do movimento, o subcomandante Marcos:

*“Estas movilizaciones no son para subvertir ni estos mensajes están promoviendo la desestabilización. Simplemente están pidiendo que el gobierno mexicano cumpla su palabra. Respecto a que son unos cuantos, bueno, pues a **Internet** acceden millones en todo el mundo, y las movilizaciones en Europa y los Estados Unidos incluyen a decenas de miles. Todos repitenlo mismo: cumplan su palabra” (Março de 1997)*.

“Con respecto a las movilizaciones en otros 27 países del mundo, el gobierno mexicano y esa organización criminal llamada PRI, están bastante molestos con la

“internacionalización” del conflicto que esas manifestaciones suponen. Parece ser que, lo que llamaron despectivamente “ **una guerra de Internet**”, les ha provocado dolores de cabeza en embajadas y consulados.” Janeiro de 1998.



Figura 1 - O subcomandante Marcos

Não deixa de ser curioso observar que dos vários comunicados do EZLN arquivados no site oficial, 19 deles contém referências à Internet. Não deixa também, de ser irónico que o zapatistas que se voltavam contra para os paradigmas da modernidade política, abraçaram as tecnologias que essa mesma modernidade produziu na fase mais avançada do sistema capitalista e com elas descobrindo uma maneira de dar a conhecer a todo o mundo a sua mensagem [Cavalcanti, 2001].

Um outro fenómeno curioso surgido neste conflito foi o aparecimento de organizações civis, grupos de activistas, ou na denominação do Ciberespaço - Hacktivists (junção das palavras Hacker + Activist), não mexicanos, essencialmente americanos e europeus que incentivavam os ataques aos sites governamentais mexicanos. Alguns dos grupos mais activos foram o EDT - *Electronic Disturbance Theatre*, *Electrohippies* que através do desenvolvimento e disseminação de uma ferramenta denominada *FloodNet*, propunham um modo simples de qualquer um se tornar num *Hacktivist* e contribuir para um ataque de negação de serviços dos servidores institucionais Mexicanos, um ataque do tipo DDoS (*Distributed Deny of Service*) [AMADO, 2003].

3. IMC e Outros Grupos

O *Independent Media Center* (IMC), pretende ser um fórum internacional que utiliza o ciberespaço como meio para difusão de uma corrente marginal que de algum modo suporta os movimentos de luta contra a globalização mundial e que tem como alvos

privilegiados os pilares desta globalização: OMC (Organização Mundial do Comércio), BM (Banco Mundial), FMI (Fundo Monetário Internacional), G8, etc.

Nas suas próprias palavras o IMC define-se como sendo “uma rede de média não alinhados destinado à criação de escritos verdadeiros, radicais, precisos e apaixonados. Resultado do trabalho, amor e inspiração de pessoas que continuam a trabalhar para um mundo melhor, apesar da tentativa corporativa dos média de distorcer e encobrir o esforço de libertação da humanidade”².



Figura 2 - Símbolo do IMC

O grande veículo do IMC é o seu site de referência: www.indymedia.org, possuindo ainda inúmeras réplicas em todo o mundo, incluindo em Portugal³, o que permite que a informação seja completada com casos regionais que afectam comunidades específicas, por exemplo no caso do *site* português existem notícias relativas a casos concretos de tratamento de presos em prisões portuguesas ou de actividades de grupos activistas.

Para além da função informativa, independente da informação contida nos chamados meios de comunicação oficiais, este site age como mobilizador de acções futuras, por exemplo o *site* apresenta já informação relativa à próxima cimeira do G8, em Julho de 2005, em Pertshire, no Reino Unido, apesar de estarmos a mais de seis meses da data do evento, o que é por si só um bom indicador do grau de organização que estes grupos já apresentam. É possível a partir deste *site* chegar aos *sites* dos grupos de trabalho que estão desde já a preparar as actividades de contestação, identificando desde pontos de concentração até às estratégias a utilizar⁴, servindo ainda como meio de suporte aos grupos de trabalho com áreas de acesso restrito.



Figura 3 - Jelly Biafra

O IMC foi criado, em 1999, pela mão de Jelly Biafra, ou de seu verdadeiro nome Eric Boucher. Jelly Biafra esteve ligado a varias actividades nos média. Participou em grupos musicais associados aos movimentos punk do fim do século passado, entre os grupos em que participou o mais conhecido terá sido os *Dead Kennedys*.

Para além disso, no ano de 2000, chegou a ser candidato a deputado pelo Partido Americano dos Verdes (GPUS - *Green Party of United States*), está ainda associado a outros movimentos de *hackers* como seja o HOPE⁵ (*Hackers on Planet Earth*), ligado à revista carismática do movimento hacker - 2600⁶, este ano teve lugar a quinta conferência da HOPE dedicada ao tema "Propaganda"⁷.

A frase de Jelly Biafra "*Don't hate the media, be the media*" (traduzindo - "Não odeiem os média, sejam os média"), traduz bem a sua ideia em relação ao IMC como veículo privilegiado para estas comunidades ditas marginais e que olham para os média institucionais com desconfiança.

Para além deste tipo de organizações mais ou menos formais surgiram outras bastante mais informais mas também menos preocupadas com a ideologia e mais com a acção como o caso do EDT já abordado no capítulo anterior mas também o ECD (*Electronic Civil Disturbance*), os "*The Culo of the Dead Cow*" estes últimos autores de uma ferramenta denominada *Tribal FloodNet* que esteve na origem de um ataque do tipo DDoS a um servidor bastante popular o - Yahoo.

O exemplo destes grupos, permite-nos concluir que movimentos que até à pouco tempo dependiam de meios pouco sofisticados como sejam os simples panfletos passaram a dispor de um meio de grande cobertura a nível mundial, provavelmente com os mesmos custos dos panfletos que eram distribuídos na rua, à porta das escolas ou à porta das fabricas. Podemos pois considerar a Internet como um dos panfletos do século XXI! Podemos comparar a actual capacidade de mobilização destes movimentos com os da

década de 60 do século passado e questionarmos como teria sido o Maio de 68 em França se a Internet estivesse acessível nessa altura!



Figura 4 - HOPE - Hackers on Planet Earth

Podemos ainda questionar sobre ao que poderemos assistir num futuro próximo, se movimentos ideologicamente cativantes e apelativos tirarem partido deste meio, quais serão as consequências para a sociedade? Que meios deverão ser empregues pela sociedade para se proteger? Uma vez que canhões de água ou gás lacrimogéneo podem já não ser suficientes para enfrentar e controlar estas situações. É nossa convicção que iremos, no futuro próximo, assistir a um aumento deste tipo de utilização da Internet como suporte a actividades contestatárias de poderes instituídos seja a nível estudantil, movimentos ecológicos, movimentos de desobediência civil ou outros mais particulares como claques organizadas de futebol, em que para além do suporte à divulgação da informação a Internet servirá também como suporte logístico às operações.

4. Guerra do Iraque

A utilização da Internet para divulgação de mensagens de rapto e de execução de reféns⁸, é talvez umas das características mais originais introduzidas nesta guerra, se de um lado assistimos à utilização das chamadas munições inteligentes ou de aviões sem piloto, do outro assistimos à utilização da Internet como canal privilegiado de fazer a informação chegar à opinião pública mundial evitando a utilização de órgãos de comunicação social conotados com o poder, e subvertendo o papel de intermediação e gestão que o jornalista tinha, uma vez que as notícias podem chegar directamente do produtor até ao consumidor, não sofrendo qualquer tipo de censura em relação à violência dos conteúdos.



Figura 5 - Imagem de refém divulgada na net⁹

Para o leitor menos atento à realidade da Internet, as últimas afirmações até podem parecer um exagero, no entanto devemos lembrar que os órgãos de comunicação social usam muitas vezes a Internet como fonte de informação¹⁰. Um outro dado curioso e sem dúvida mórbido e que de algum modo nos surpreendeu nesta investigação é que, por exemplo, as imagens relativas à execução de prisioneiros no Iraque são distribuídos na Internet podendo facilmente ser obtidos como qualquer aplicação de partilhas de ficheiros tipo eMule ou Kazaa, como se mostra na Figura 4.2, ou seja para além de serem distribuídas a partir de sites dos terroristas são perpetuadas na Internet por utilizadores anónimos.

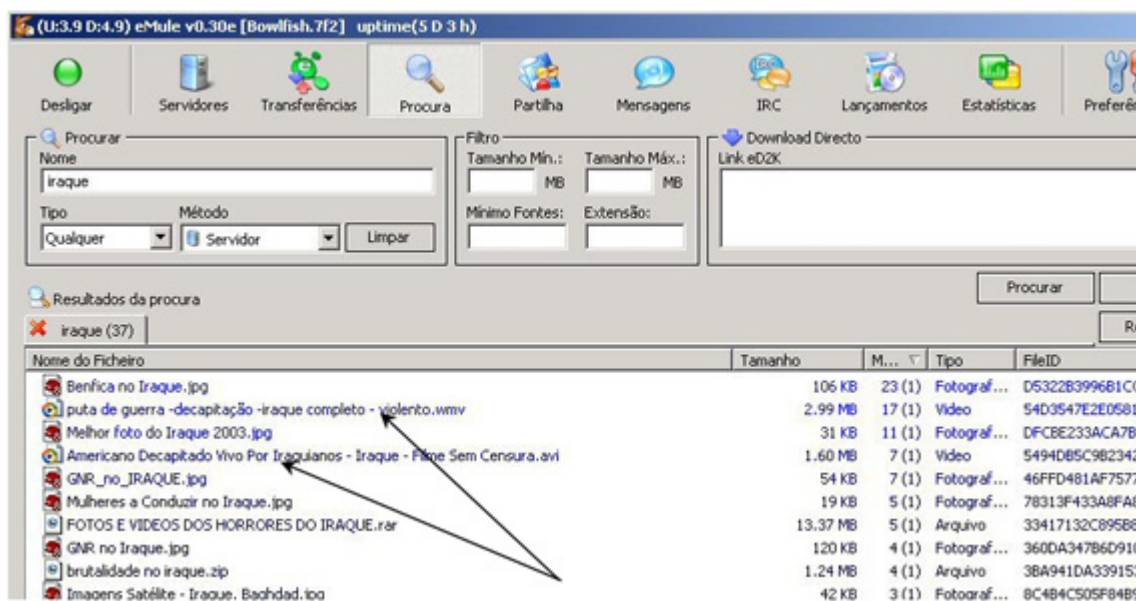


Figura 6 - Ficheiros com imagens de execução de prisioneiros e disponíveis na rede

Outra particularidade que surgiu com a guerra foi a especialização do conceito de *weblog*, dando origem ao conceito de *warlog* (a tradução à letra seria - diário de guerra). Surgiram dezenas de *weblogs* dedicados a este tema, basta consulta a página do Yahoo¹¹, para termos uma ideia da quantidade, entre *weblogs* oficiais (ligados a jornais) podemos contar mais de sessenta diários de guerra ou relacionados com a guerra.



Figura 7 - Imagem do Warlog - "Salam Pax"

Estes diários eram nalguns casos escritos por intervenientes directos no conflito, como sejam soldados americanos ou habitantes de Bagdad.

Dois casos emblemáticos são os do *warlog* chamado "*A minute Longer - A soldier's tale*" supostamente escrito pelo soldado Will¹², este diário electrónico contava a guerra na primeira pessoa, actualmente está inactivo tendo a última mensagem a data de 8 de Abril de 2004.

O outro caso é o do diário mantido, supostamente, por um iraquiano de nome de código - "Salam Pax", este diário tem o nome de "Where is Raed?"¹³. Neste diário é descrito o dia a dia de um iraquiano em plena Bagdad durante a invasão, e são descritos os acontecimentos na perspectiva de quem sofre na pele os bombardeamentos.



Figura 8 - O Americano autor do vídeo da sua suposta execução

Em qualquer dos dois casos um dos pontos que salta à vista é o facto da impossibilidade de verificar a veracidade das afirmações, nem sequer é possível confirmar que os dois autores se encontram realmente onde dizem que estão, e este é sem dúvida um dos grandes problemas que este tipo de suporte levanta. Como ficou demonstrado pelo americano Benjamin Vanderford¹⁴, um criador de jogos de computador de 22 anos de idade e membro do grupo de musical experimental “fluorescent grey”. Em Maio de 2003, Benjamin forjou um vídeo com imagens da sua fictícia execução¹⁵ por parte de um grupo terrorista.



Figura 9 - Imagem do vídeo forjado

Este vídeo seria distribuído, em Junho de 2003, na Internet usando os mecanismos *peer to peer* (partilha de ficheiros de computador a computador) como o Kazaa no início de Agosto, posteriormente o caso viria a ser descoberto como sendo uma falsificação. Dando origem a uma investigação do FBI e ao aviso de que casos deste tipo serão investigados e os responsáveis serão levados à justiça e condenados.

O vídeo inicialmente distribuído na Internet chegou a ser divulgado em televisões árabes com sendo informação credível e a própria agência de notícias Reuter usou a informação produzir uma notícia.

Para além da mensagem óbvia sobre a facilidade de criar e distribuir informação falsa, este episódio alerta também para os perigo dos média tradicionais utilizarem a Internet como fonte 100% fiável para recolha de informação o que como se demonstrou está longe de ser verdade.

5. Conclusão

A Internet alterou decididamente os nossos hábitos, à semelhança do que outros meios de comunicação fizeram ao longo do tempo, e como conclui Kerckhove, citado por [Ferreira, 2003], se a planetarização do ser humano da rua é a “boa notícia” então ela vem acompanhada de uma má notícia “... a inovação tecnológica encoraja a hiperlocalização, que em muitas partes do mundo leva a agitação social, vários tipos de racismo e conflitos armados. Esta é a faca de dois gumes de Babel presente na redefinição das identidades e lealdades locais”.

Com a Internet os zapatistas já não estão perdidos na selva, como Che Guevara na Bolívia, e fazem a sua revolução sem os panfletos e sem as cartilhas de Mao ou Lenine, usando as novas tecnologias e obrigando a rever os conceitos de guerrilha e a colocar o rato e o *modem* ao lado da velhinha AK-47 e do mediático RPG-7.

Nos tipos de conflitos apresentados a Internet assume um papel heterogéneo indo desde o simples papel de média até ao de campo de batalha.

No entanto a Internet apresenta ainda outros desafios e muito provavelmente assistiremos no futuro ao surgimento de novas formas de utilização desta média, como é o caso de um exemplo recente da utilização de vírus¹⁶ informáticos para a disseminação de mensagens de cariz político como as produzidas pelo grupo Indiano “Indian Snakes”¹⁷, tratando-se de um processo de comunicação que não se destina a massas, mas um processo de comunicação dentro de comunidades de iniciados.

Outros processos de comunicação via Internet poderão vir a ser usados com relativa facilidade como veículos de média para propagação de ideologias, como sejam as salas de *chat* ou os “*instant messengers*”, especialmente com a unificação que começa a haver entre Internet e telemóveis e que irá certamente possibilitar novos e interessantes métodos de comunicação, também outros avanços tecnológicos irão permitir outro tipo de desafio, como seja a proliferação de câmaras em telemóveis irá praticamente possibilitar que cada um de nós se torne virtualmente simultaneamente num operador de câmara e jornalista pronto a recolher imagens e transmiti-las em tempo real para, virtualmente, todo mundo!

Também outras acções de protesto poderão ser efectuadas, imaginemos por exemplo, dois servidores portugueses, o servidor do Ministério das Finanças que suporta o IRS ou o servidor do Ministério da Educação que suporta o concurso de colocação de professores a serem atacados, como foram atacados os servidores do governo Mexicano, num qualquer último dia de prazo para entrega dos documentos, qual seria o efeito?

Não é difícil conceber um cenário em que tal ataque pudesse ocorrer pois as armas estão disponíveis na Internet, é fácil de encontrar na Internet as armas referidas neste trabalho e outras até mais potentes, e se nos lembrarmos que a comunidade de utilizadores de banda larga já ultrapassa o 700 000 utilizadores, muitos dos quais ligados através de redes informais de comunicação (*chats*), como por exemplo o MSN Messenger, parece

simples imaginar uma acção que recrute um exército de voluntários aos quais tenha sido distribuído a arma correcta, obtida na própria Internet, e que coordenem um ataque a um dos servidores referidos.

Concluindo podemos dizer que a Internet, lançou, tal como a televisão ou a rádio noutras épocas, desafios interessantes, mas podemos ter a certeza que não será a ultima vez que os média irão enfrentar desafios tecnológicos uma vez que no futuro se perfilam outros, já que a mente humana é fértil a explorar todos os mecanismos, por mais complexos que possam parecer, para o bem e para o mal.

Referências

- Amado, João. *Hackers: Técnicas de Defesa e de Ataque*, Editorial FCA, Outubro 2004.
- Arquilla, John; Ronfeldt, David. *Networks and Netwars*. Editado por RAND (National Defense Institute, 2001.
- Cavalcanti, Eduardo. *Tudo o que é sólido se desfaz no ciberespaço: A guerrilha digital dos zapatistas*. XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação - Campo Grande/MS, Setembro de 2001.
- Ferreira, Gil. *A ideologia dos novos media: Entre velhas e novas ambivalências*. Publicado no Laboratório On Line das Ciências da Comunicação, www.bocc.ubi.pt.
- Recuero, Raquel da Cunha. *Warblogs: Os Blogs, A Guerra do Iraque e o Jornalismo Online*. Dezembro de 2003. Publicado no Laboratório On Line das Ciências da Comunicação, www.bocc.ubi.pt.
- Resnick, David. "Politics on the Internet: The Normalization of Cyberspace." *New Political Science*, Outono de 1997.

Sites

- <http://www.ezln.org/>
- <http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Jello%20Biafra>
- <http://www.indymedia.com>
- <http://enrager.net/features/g8/index.php>
- http://www.dissent.org.uk/component/option,com_frontpage/Itemid,1/

1 <http://www.ezln.org/documentos> (visto a 27/10/04).

2 The Independent Media Center is a network of collectively run media outlets for the creation of radical, accurate, and passionate tellings of the truth. We work out of a love and inspiration for people who continue to work for a better world, despite corporate media's distortions and unwillingness to cover the efforts to free humanity.

3 <http://pt.indymedia.org/> (visto a 27/10/04).

4 http://www.dissent.org.uk/component/option,com_frontpage/Itemid,1/ (visto a 1/11/2004).

5 <http://www.h2k.net/> (visto a 1/11/2004).

6 <http://www.2600.com/>; Uma curiosidade, 2600 Hertz, era a frequência do sinal

utilizado pelos hackers nas suas actividades de pirataria nos sistemas telefónicos. Este tipo de pirataria teve o seu auge no entre 1980 e 1990. Actualmente devido ao evoluir da tecnologia nas redes de telecomunicações esta técnica ficou obsoleta e não é mais usada. (visto a 1/11/2004).

7 <http://www.the-fifth-hope.org/> (visto a 3/11/2004).

8 <http://www.lukor.com/not-por/0409/16221611.htm> - notícias sobre reféns franceses raptados (visto a 26/10/04).

9 <http://www.iraq.net/index.php> (visto a 27/10/04).

10 http://tsf.sapo.pt/online/internacional/interior.asp?id_artigo=TSF154148 - noticias da TSF citando um comunicado publicado na Internet, por parte de um grupo terrorista. (visto a 26/10/04).

11 http://dir.yahoo.com/Government/Military/War_in_Iraq/Weblogs_and_Diaries/ (visto a 30/11/04).

12 <http://www.rooba.net/will/> (visto a 29/11/04).

13 http://dear_raed.blogspot.com/ (visto a 28/11/04).

14 http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2004/08/040807_hoax.shtml (visto a 30/10/04).

15 <http://videohoax.ctyme.com/> (visto a 30/10/04).

16 <http://www.sophos.com/virusinfo/articles/yahaq.html>, contém informação sobre o vírus Yaha-Q. (visto a 30/10/2004).

17 http://www.dailytimes.com.pk/default.asp?page=story_4-8-2003_pg6_4 (visto a 30/10/2004).